



Vol. 17, nº 2 (2019)

CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ESCRITA DE CORPOS FEMININOS MARCADOS PELA VIOLÊNCIA

CONCEIÇÃO EVARISTO: A WRITING ABOUT WOMEN'S BODIES HARMED BY VIOLENCE

Celiomar Porfírio Ramos¹
Marinie Almeida²

Recebimento do texto: 15/11/2019
Data de aceite: 05/12/2019

RESUMO: Neste trabalho realizou-se uma leitura analítica de duas personagens da produção literária de Conceição Evaristo, sendo, uma delas, Seni, presente no conto *Shirley Paixão*, um dos 13 contos que compõem a antologia *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016); e Fuizinha, personagem presente no romance *Becos da Memória* (2017). O objetivo foi discutir um dos principais temas da produção de Conceição Evaristo: a violência contra a mulher, sobretudo, a mulher negra e, em alguns casos, como nos textos selecionados, a violência feminina perpetrada desde a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Mulher; Violência; Escrita Afro-brasileira.

ABSTRACT: In this article was an held analytic reading of two characters of Conceição Evaristo's literary production, being one of them, Seni, presented in the tale *Shirley Paixão*, one of the thirteen short stories that make up the anthology *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016); and Fuizinha, character presented in the novel *Becos da Memória* (2017). The objective was to discuss one of the main themes of Conceição Evaristo's production: violence against women, especially black women and, in some cases, as in the selected texts, female violence perpetrated since childhood.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; Woman; Violence; Afro-Brazilian Writing.

¹ Doutorando em Estudos Literários (UNEMAT) desde 2018, Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT), Graduado em Letras e Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (UFMT). Contato: celiomarramos@hotmail.com.

² Doutora, Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (Universidade Federal de Mato Grosso) e do Programa de Estudos Literários (Universidade do Estado de Mato Grosso). E-mail: marineir.almeida@unemat.br



Em um país onde o negro foi e ainda é silenciado; “onde a carne mais barata do mercado é a carne negra”, como canta e denuncia Elza Soares; onde as balas têm GPS para encontrar os corpos negros; onde a subalternização desses corpos é marcada historicamente, sobretudo, dos corpos negros femininos, em virtude dos aspectos étnico-raciais e de gênero, entendemos que a arte produzida por negros não possui, apenas, valor estético, mas configura-se como um ato político e de resistência (EVARISTO, 2015) e, conseqüentemente, a palavra torna-se uma arma de luta.

Conceição Evaristo produz diferentes gêneros literários – poemas, romances, contos- e a violência contra as mulheres, sobretudo as mulheres negras, é um dos principais temas de sua escrita. Neste trabalho, portanto, expomos uma leitura de duas produções, de diferentes gêneros, o romance *Becos da Memória* (2017) e o conto *Shirley Paixão*, da obra *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016), cujo objetivo é refletir sobre a presença da violência contra a mulher negra na infância.

Considerando que historicamente a violência perpassa a vida das mulheres negras, em alguns casos, desde a infância, propomos discuti a violência que perpassa a vida dessas mulheres. Para isso, elegemos duas personagens negras da produção da escritora em questão: Seni, presente no conto *Shirley Paixão*, que é parte constitutiva da antologia de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) e Fuizinha, personagem do romance *Becos da Memória* (2017).

Ao selecionarmos estes textos em diferentes gêneros literários, pretendemos evidenciar que a violência perpassa toda a produção literária dessa escritora e que ela funciona como um mecanismo de manutenção do patriarcado na sociedade brasileira contemporânea.

Essa vertente na produção literária de Conceição Evaristo tem alcançado espaço e visibilidade no meio acadêmico, não somente, aqui, no Brasil, como em outros países, conseqüentemente, tendo feito com que a mulher negra que, outrora, na literatura brasileira, figurava apenas em um lugar subalterno, muitas das vezes



estereotipada, por ser constituída a partir da perspectiva de homens, brancos, oriundos dos grandes centros, como demonstra Regina Dalcastagnè (2007), apareça sob a perspectiva de outras mulheres.

Leda Maria Martins (1996), ao pensar sobre a representação do corpo negro feminino na literatura, afirma que, geralmente, a mulher negra na literatura brasileira é ficcionalizada a partir de três modelos: a mãe preta, a empregada doméstica e a mulata, objeto de desejo do homem branco. Ao termos uma escrita que preconiza o feminino e a mulher negra esses três modelos tornam-se insuficientes para tratar sobre o corpo feminino negro, pois as autoras negras, dentre elas, Conceição Evaristo, buscam trazer temas que são comuns à história e vida de tais mulheres, a partir da escrevivência³, e que, muitas vezes, foram “esquecidas”, ou melhor dizendo, apagadas propositalmente. Leda Maria Martins pondera ainda que é a partir do *locus* da literatura – ficção e poesia – que a escrita de autoras negras busca rasurar os estereótipos criados, “[...] vestindo a personagem negra feminina com novos significantes que indiciam outras possibilidades de significância e de interferência nos processos de alçamento do corpo feminino como corpo de linguagem” (MARTINS, 1996, p. 112). Dado o exposto, visando reestruturar o imaginário da mulher na literatura, muitas vezes, as escritoras negras elegem o corpo feminino como tema de sua produção.

A violência, segundo afirma Constância Lima Duarte (2016), é um tema pouco abordado na literatura produzida por mulheres, e, quando tratada, reduz-se a uma violência simbólica. Entendemos que a escrita afro-brasileira, em certa medida, rompe com esse paradigma, sendo a produção de Conceição Evaristo exemplo claro

³ A escrevivência é compreendida por Maringolo (2014, p. 10) “como argamassa criativa a sua experiência de vida, Evaristo escreve estabelecendo um constante diálogo entre o meio social, cultural, histórico e de gênero em que vive com as obras que escreve. A poética da Escrevivência significa escrever sobre a vida, abarcando a experiência múltipla e diversa dos afrodescendentes; significa também utilizar retalhos de memórias para a construção das narrativas. Apoiada em sua vida, Conceição Evaristo confunde, inventa, cria e recria o material narrativo para a construção das narrativas”.



de uma escrita que traz à tona a violência, aliás, as violências de que as mulheres negras são vítimas, uma vez que elas são as protagonistas em sua produção literária.

O termo violência aqui é utilizado no plural, pois, segundo Irme Salete Bonamigo (2008), não há como pensar na contemporaneidade o termo violência no singular, pois ele comporta múltiplos significados. As personagens selecionadas para análise têm alguns elementos em comum, podendo-se afirmar que o principal é que são vítimas de violências perpetradas pelos seus genitores.

O termo violência simbólica adotado por Pierre Bourdieu (2017), neste contexto, é compreendido como o modo como o homem, a fim de realizar a manutenção da dominação masculina, busca realizar uma “[...] violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas [as mulheres]” (BOURDIEU, 2017, p. 12). É válido mencionar que há marcas textuais que evidenciam, nos textos literários, aqui lidos, a presença da violência simbólica. Em *Becos da Memória*: “A Fuizinha crescia temerosa, arredia (EVARISTO, 2017, p. 78), já no conto *Shirley Paixão* evidenciamos neste excerto:

As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cúmpliciada entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres. Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com o nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. (EVARISTO, 2016, p. 28)

Os fragmentos apresentados exemplificam que os pais das personagens utilizam da violência simbólica para a manutenção do poder. Como mencionado, há violências no plural nos textos literários em análise. Tendo em vista que não há como pensar em apenas um tipo de violência, ao longo da análise, buscaremos tratar desse elemento, ora evidenciando a simbólica, ora evidenciando a física e a sexual e ora estabelecendo relação entre elas.



A história de Fuizinha, no romance *Becos da Memória*, é narrada pela personagem protagonista, Maria-Nova, que relata suas memórias acerca do processo de desfavelamento do espaço onde transcorre o enredo; neste ato, a narradora elege algumas personagens da favela para discorrer sobre a vida delas, dentre as quais está Fuinha, sua esposa e sua filha Fuizinha. Fuinha é conhecido na favela em virtude da violência com que trata sua esposa e sua filha:

Quem sofria nas mãos dele era sua mulher e a sua filha Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. De que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem. (EVARISTO, 2017, p. 78).

No fragmento é possível identificar alguns elementos que merecem ressaltar, dentre eles: a mãe e a filha são vítimas de agressões constantes. Outro fato importante é a omissão da sociedade, pois, ao passo que ela se torna omissa, conseqüentemente, ela é conivente com a situação e passa a compreender as agressões sofridas pela esposa e a filha de Fuinha como algo “normal”, sobretudo, quando ocorre no espaço privado: o lar.

O homem negro no espaço público é, em virtude dos aspectos étnico-raciais, suscetível a ser “a carne mais barata do mercado”, as balas têm GPS para encontrá-lo. Porém, no espaço privado, aqui apontamos a casa, onde o homem exerce certo poderio, por ser o macho em um espaço em que ele se vê com poder sobre o outro, sobretudo em se tratando de uma sociedade patriarcal e falocêntrica, em que a mulher é tratada, tanto no espaço público como no privado, como subalterna.

As agressões de Fuinha culminam com a morte de sua mulher:

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era



dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, a mulher é para isto mesmo. A mulher é para tudo. A mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 2017, p. 79).

O aspecto relacionado a gênero, ou seja, ao fato de ser mulher, no espaço privado, o lar, numa sociedade patriarcal, sem dúvidas, corrobora a perpetuação da violência. Vale mencionar, ainda, que Fuinha compreende a mulher como objeto pressuposto que fica evidente, quando, no texto, há a afirmativa de que ele “era o dono”. Ademais, a personagem não vê a filha como filha, mas como mulher, sob a égide do pensamento e atos machistas e irracionais, ou seja, aquela que é subalterna e submissa ao homem, que foi criada e educada para servir ao homem, em todos os aspectos.

Em se tratando de Seni, sua história tem como narradora a personagem Shirley Paixão, que também nomeia o conto. O pai de Seni, após um tempo de namoro com Shirley Paixão, resolve, juntamente com suas três filhas, ir morar com ela, que já tem duas filhas.

O entrosamento entre Shirley e as cinco meninas é tão grande que a narradora chega a nomear o grupo como confraria. Seni, ao longo do enredo, ganha notoriedade, pois tem algumas características incomuns para uma criança com menos de 9 anos:

Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. Nos primeiros tempos de nosso convívio, era mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário (EVARISTO, 2016, p. 28).



Seni apresenta um aspecto que historicamente marca a vida da mulher, sobretudo, negra: o silêncio e o silenciamento, ora por imposição de forma explícita, ora de forma velada. No excerto, podemos afirmar que se trata de uma forma velada, compreendida como violência simbólica, sendo o agente dessa violência o próprio pai, como nos será mostrado no decorrer da narrativa.

Além do exemplo acima mencionado, a violência simbólica está presente em outros momentos do texto, conforme é possível verificar: “[...] o pai implicava muito com ela [Seni], mas pouco ou nada exigia. Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche” (EVARISTO, 2016, p. 29).

Infelizmente, assim como a personagem Fuizinha do romance *Becos da Memória*, Seni não é vítima apenas da violência simbólica. Ela também é vítima de agressões físicas e sexuais – de estupro – por parte do pai, o malfeitor.

A descoberta de que o pai de Seni estuprava a filha, há algum tempo, só ocorreu anos após eles irem morar com Shirley:

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava tão furioso – afirmou Shirley, chorando – que Seni, para a sua salvação, fez do medo do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos (EVARISTO, 2017, p. 31).

Shirley Paixão, ao narrar a cena, equipara o homem, em virtude de tamanha crueldade com a filha, a um animal. Ainda refletindo sobre esse fragmento, é importante frisar a relevância do grito da vítima, Seni, pois é por meio dele que ela



passa a ser ouvida e, em termos, denuncia a violência que vinha sofrendo desde que sua mãe faleceu.

Compreendemos que, ao eleger as personagens, Seni e Fuizinha, para demonstrar a violência perpetrada contra os corpos negros, a escritora Conceição Evaristo, pretende denunciar a violência e dar visibilidade às mulheres negras que são, segundo Helena Therodoro (1996), o setor mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, em virtude do gênero e de questões étnico-raciais, sendo elas, em sua maioria, moradoras de favelas e bairros periféricos, discriminadas por serem mulheres, negras e pobres.

É possível compreender, portanto, que, em *Becos da Memória*, é apontada certa perpetuação da violência contra a mulher negra, pois a mãe de Fuizinha foi vítima de violência, o que culminou com sua morte, e a filha, Fuizinha, ao longo da narrativa, é vítima da mesma violência, e acaba carregando um fardo herdado de geração passada, como é possível verificar no seguinte fragmento: “Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha” (EVARISTO, 2017, p. 78).

Já no conto *Shirley Paixão*, o grito da personagem Seni, ao contrário da perpetuação da violência de geração a geração que acontece com Fuizinha, pode ser traduzido como uma reação contra esse paradigma e, conseqüentemente, apresenta uma nova perspectiva em que a mulher negra tem possibilidade de denunciar as violências por ela sofridas e, concomitantemente, romper com o silêncio historicamente imposto a ela.

Conforme já mencionado, a literatura produzida por mulheres pouco trata sobre as violências de que elas são vítimas, porém Conceição Evaristo traz à tona tal tema e um dos elementos que contribui para isso, segundo nossa leitura, é a “escrevivência”, tratando sobre as violências e suas diversas formas de manifestações – simbólica, física, psicológica – expostas principalmente, por meio do preconceito racial, de gênero e, também, de classe. Ou seja, dialogando com a realidade das



mulheres negras protagonizadas, diariamente, nos noticiários, como vítimas de espancamentos, estupros, violências e, em muitos casos, morte.

É importante salientar que nossa leitura analítica esteve pautada na linha de pensamento de Antonio Candido, ao estabelecer relação entre literatura e sociedade, bem como, no conceito utilizado por Conceição Evaristo sobre “escrevivência”. Considerando tais pressupostos, entendemos, a partir da personagem Fuizinha que, apesar da luta das mulheres negras para romper com o silenciamento e a violência que historicamente marca a trajetória das mulheres negras, infelizmente, ainda há muitas mulheres silenciadas e vítimas de violência, inclusive no espaço privado: o lar.

Em contrapartida a essa realidade, a personagem Seni permite vislumbrar que há mulheres que têm rompido com o silêncio imposto e, conseqüentemente, têm se feito ouvir e superado as imposições provenientes de uma sociedade violenta e machista, propondo, como o conto sugere, uma “confraria de mulheres”, em que a união e a confiança entre elas se tornam pontos fundamentais para o enfrentamento das mais variadas formas de violência. Dessa maneira, pelo fato de a personagem, apesar das violências sofridas, ao longo do enredo, sempre tentar suplantar a dor, concodar com ela, como informa o enredo: “Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo” (EVARISTO, 2016, p. 34).

Compreendemos, portanto, a importância da escrita da mulher afro-brasileira, especialmente a de Conceição Evaristo, nesta contemporaneidade, uma vez que intenta “desmontar” a representação dos estereótipos, ao apresentar a mulher negra como protagonista e, conseqüentemente, tornando-a sujeito e objeto da literatura. Assim, conforme afirma Heloisa Toller Gomes (2018, p. 3), a “[...] mulher negra dona de uma voz, autora de uma escrita, desmentirá a impostura da afasia a ela



atribuída por toda uma tradição de base escravista” e acrescido a isso, lutar contra as violências impostas por uma sociedade patriarcal.

Ainda, sobre a escrita de Conceição Evaristo, Marilei Castro Tondo (2018, p. 18) afirma que a produção literária desta autora “[..] é feita como um ato de luta, recusando o silêncio e confrontando a cultura dominante, que minimiza as diversas formas de violência sofridas por mulheres”. Dado o exposto, entendemos que a escrita literária, hoje, sobretudo, a escrita feminina afro-brasileira apresenta-se engajada, comprometida socialmente; não estamos tratando de uma simples denúncia, mas de uma arma contra o silêncio e as violências historicamente impostos a essa parcela da sociedade.

Referências

- BONAMIGO, Irme Salete. Violência e contemporaneidade. **Revista Katál**. Florianópolis. V. 11, nº. 02, p. 204-2013 jul./dez 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18- 31, dezembro 2007.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFGM, 2011.
- DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2016. p.147-57



EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. **Becos da memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2017.

_____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017

GOMES, Heloisa Toller. **Visíveis e Invisíveis Grades: Vozes de Mulheres na Escrita Afrodescendente Contemporânea**. Literafro, 2018. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/526-visiveis-e-invisiveis-grades-vozes-de-mulheres-na-escrita-afro-descendente-contemporanea-heloisa-toller-gomes>. Acesso em 13 de agosto de 2019.

MARINGOLLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de Retalhos de memórias**. 2014.132f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2014.

MARTINS, Leda Maria. **O feminino corpo na negrura**. Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte, v. 4, p. 111 – 121. Outubro de 1996.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. **Poesia feminina subalterna negra: uma voz de resistência**. Nau Literária: crítica e teórica de literaturas. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, Vol. 9, nº 01, jan/jun2013. Dossiê: Voz e Interculturalidade.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 1996.



Vol. 17, nº 2 (2019)

TONDO, Marilei Castro. **A violência contra as personagens femininas nos contos de *Olhos d'água* da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pato Branco, PR, 2018.

PINHEIRO, Alexandra Santos; OLIVEIRA, Adrieli Aparecida Svinar; RODRIGUES, Izadora Fernanda Reichert. **Identidades em Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo.** Anais 8º ENEPE UFGD e 5 EPEX UEMS, 2014.